



**O legado de Jean Rouch e a Antropologia Visual no Brasil:
algumas notas para histórias ainda não escritas**

João Mendonça*

Resumo

O objetivo principal é apontar para o impacto do cinema de Jean Rouch no contexto brasileiro na perspectiva de sua importância para a formação do campo da antropologia visual e sua progressiva, tanto quanto problemática, institucionalização acadêmico-universitária. Através do levantamento de eventos, publicações e filmes produzidos nas últimas décadas, espera-se acompanhar minimamente a história das relações entre Rouch e a antropologia feita no Brasil, com ênfase na área específica de antropologia visual. Ao longo desse percurso, pretende-se apontar para a originalidade da obra de Rouch e sua fecundidade crítica, no sentido da abertura para novos caminhos de pesquisa e de renovação da disciplina antropológica.

Palavras-chave: Jean Rouch; Antropologia Visual; Filme Etnográfico

Abstract

The main objective is to point out the impact of Jean Rouch's movies on the Brazilian context, in the view of his importance to the formation of the visual anthropology field and its progressive as much as his problematic academic institutionalization. Through survey of events, publications and movies produced last few decades, we hope to follow the story involving Rouch and anthropological researchers in Brazil, giving emphasis to more specific areas of visual anthropology. Throughout this course we intend to point out the originality of Rouch's work and his critical fruitfulness that make way to researches and the renewal of the anthropology as a scientific discipline.

Key-words: Jean Rouch; Visual Anthropology; Ethnographic Film

* João Martinho de Mendonça é Doutor em Multimeios (UNICAMP) e Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) nos cursos (graduação e pós) de Antropologia, coordena o Grupo de Pesquisa AVAEDOC (Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários). Email: bragamt@ccae.ufpb.br.



Introdução

“Entrar em um filme é um *plongée* na realidade, estar, a um só tempo, presente e invisível”

Com essas palavras, Jean Rouch abriu a narrativa de seu filme *Tourou e Bitti: os tambores de outrora* (*TourouetBitti: lestambours d'avant*, Jean Rouch, 1971), composto basicamente de um único plano sequência de quase 10 minutos. A quem ele se dirigia? Sua voz enuncia a experiência de acompanhar, com a câmera, um fragmento de um ritual que se estendia há 3 dias no pequeno vilarejo de Simiri (Níger). Os fenômenos de possessão tiveram início, então, bem diante da câmera, o que alimentou, mais uma vez, sua elaboração anterior da noção de “cine-transe”. Por fim, sua narrativareflete sobre o momento em que interrompeu a filmagem, ao passo que a imagem nos deixa percebê-lo recuando lentamente, finalizando num plano mais aberto, incluindo as crianças que assistiam, curiosas, ao desenrolar daqueles acontecimentos.

Eis um exemplo do caráter experimental e reflexivo do cinema de Rouch. Nos seus mais de 100 filmes, Rouch fez muita coisa diferente em muitos lugares; sua obra, como um todo, ainda hoje é muito pouco conhecida, embora a maior parte já tenha sido transcodificada em formatos digitalizados. No caso de *Tourou ET Bitti*, como em tantos outros, a experiência com a câmera soma-se e integra-se à reflexão e elaboração conceituais. Ideias que reaparecem no próprio filme (surgem antes, durante ou depois da filmagem), numa voz que se sobrepõe, na pós-produção, no entanto, sem deixar de evocar a experiência de filmar naquele dia, exercício efetivo de reflexividade² há quase cinquenta anos.

Aqueles que conheceram os filmes de Rouch em função do interesse pelo cinema documentário em geral, nem sempre sabem (ou minimizam o fato de) que Rouch defendeu uma tese acadêmica de antropologia sob orientação de Marcel Griaule³. Que muitos de seus filmes foram justamente concebidos no âmbito da realização e do desdobramento de pesquisas antropológicas⁴. A tradição inaugural

² Para uma discussão sobre voz e reflexividade nos filmes etnográficos ver Mendonça (2016).

³ Etnólogo francês, célebre por ter liderado a expedição Dakar-Djibouti na África entre 1931-33, transmitiu ao Rouch a cosmologia dos povos Dogon, a ele revelada por um ancião de nome Ogotemêli.

⁴Eckert e Rocha apontam a “despretensão” acadêmica do cinema deRouch, mas notam o quanto sua “trajetória social e intelectual” revela a “autoridade de um antropólogo repleto de astúcias e estratégias para [...] a produção de conhecimento em antropologia, a partir das imagens.” (ROCHA e ECKERT, 2007, p.81).



da antropologia francesa – cujo patrono é Marcel Mauss⁵– inspirou, com questões e procedimentos metodológicos, toda uma geração de etnógrafos franceses⁶ nos anos 30, os quais realizavam expedições de pesquisa nos territórios franceses da África.

Nosso interesse aqui, contudo, é perceber a importância do cinema de Rouch para a antropologia feita no Brasil, mais especificamente em termos do surgimento da área designada pela expressão “antropologia visual”. Questiona-se, pois, em que medida a obra de Rouch esteve presente nas trajetórias de docentes e dos núcleos de pesquisa e de produção documentária situados em universidades brasileiras? Na medida em que este autor acompanhou apenas uma parte dessas trajetórias, o relato será parcial, tanto quanto breve e lacunar, com indicações e pistas para um estudo mais abrangente, no sentido do reconhecimento das histórias da antropologia visual, já reivindicada e pontuada em diversos trabalhos (CAIUBY NOVAES, 2010; MONTE-MÓR, 1995; PEIXOTO, 1995; SAMAIN, 2005).

Rouch no Brasil

Pelo menos dois movimentos podem ser considerados nessa busca inicial de nosso percurso. As passagens de Rouch no Brasil, por um lado, e os encontros com Rouch por parte de pesquisadores saídos do Brasil para a França.

No primeiro caso, são várias passagens de Rouch pelo Brasil, sobre o que ainda há provavelmente muito a dizer. Para Araújo Silva, “o balanço mais completo de sua amizade pelo Brasil ainda está para ser feito” haja vista às várias estadias de Rouch por aqui nos anos de 1965, 1971, 1973, 1975, 1979, 1996 e 2003 (ARAÚJO SILVA, 2010, p. 40).

Duas curtas homenagens escritas para cineastas brasileiros (Jorge Bodansky e Alberto Cavalcanti) nos dão pistas da sensibilidade rouchiana quanto ao nosso cinema que, vez por outra, revelava um Brasil inédito nas telas, recriado no contato direto com o real: “(...) Nunca esqueceremos os amores reais ou imaginários de Iracema, a pequena prostituta indígena, e de um chofer de caminhão no inferno sinistro da estrada transamazônica.” (ROUCH, 2010[1983], p.41).

Saídas das recordações de Rouch sobre um encontro com Alberto Cavalcanti no Segundo Festival do Rio de Janeiro em 1965, essas outras poucas linhas nos dizem, com efeito, algo sobre a percepção antropológica de Rouch sobre o Brasil: “Ele deve ter sido cercado em seu berço por todas as fadas italianas apaixonadas

⁵ Para uma síntese biográfica abrangente de Marcel Mauss ver Lanna (2015).

⁶ Como o próprio Marcel Griaule, além de Michel Leiris, Maurice Lenhardt, Germaine de Dieterlen e outros.



pelos cavaleiros andantes, todas as pombagiras [dos calabares⁷] de Pernambuco, e todos os xamãs Jivaro da Amazônia [...]” (ROUCH, 2010[1988], p.43)⁸.

Se pelo trabalho de Araújo Silva (2010) começamos a perceber melhor as relações de Rouch com cineastas brasileiros como Jorge Bodansky, Alberto Cavalcanti, Nelson Pereira dos Santos ou Glauber Rocha, resta ainda descortinar um inventário das possíveis relações estabelecidas por Rouch com o universo da pesquisa antropológica nas terras brasileiras. Mesmo que o interesse de Rouch não fosse precisamente voltado para dentro dos muros de uma antropologia acadêmica, qual teria sido a importância de seu trabalho neste sentido e em que medida despertou muita gente que fazia ou estudava antropologia a partir do Brasil? Nessa direção fica aberta a trilha a ser esboçada aqui.

Das 7 passagens de Rouch pelo Brasil desde 1965 vamos tomar apenas fragmentos, nessa proposta de elucidar a presença e a importância de sua obra no cenário da antropologia visual que começa, no Brasil e alhures, a ser assim chamada nos anos 70. Nessa década, pelo menos dois outros importantes acontecimentos precisam ser notados nesse sentido (SAMAIN, 2005, p.115), antes de prosseguirmos: a publicação da tradução do livro de John Collier Jr. (1973) (original de 1967) pela Edusp⁹ e o encontro realizado em 1973, em Chicago, do qual surgiria o livro (nunca publicado no Brasil) *Principles of Visual Anthropology*, organizado por Paul Hockings (1975)¹⁰.

Os anos 70, no campo da antropologia praticada no Brasil, constituem uma virada definitiva devido à criação de cursos de pós-graduação. Mas ainda não necessariamente com abertura para a antropologia visual que, aos poucos, na mesma época, procurava se afirmar como um campo mais específico de conhecimento, e não apenas técnica de comunicação aplicada. Por sua vez, o uso da câmera em pesquisas de natureza antropológica tem sido constante, pelo menos desde quando surgiram, décadas atrás, as primeiras câmeras (JORDAN, 1995). No Brasil, os trabalhos de Harald Schultz e Heinz Foerthmann por exemplo, como

⁷ Rouch provavelmente refere-se a Domingos Fernandes Calabar (c. 1600-1635), senhor de engenho pernambucano que se aliou aos holandeses contra os portugueses no século 17, ou então ao bairro homônimo de Recife. [N.T.]

⁸ Cavalcanti teria, nesse sentido, o dom de sintetizar as diferentes heranças antropológicas que confluem na experiência brasileira para formar uma idéia de nação suficientemente abrangente.

⁹ *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa* é uma das poucas publicações da área que foram integralmente traduzidas e publicadas no Brasil.

¹⁰ Aí Rouch fez publicar seu célebre artigo “The camera and man” (HOCKINGS, 1975, p. 83-102)



também a obra filmica do Major Reis, já se faziam notar por muitos antropólogos da época (MONTE-MÓR, 1995).

Mas ocorreu que, desde os anos 60 aos 70, as câmeras e técnicas de gravação de áudio estavam passando por verdadeira revolução. Era o som sincronizado diretamente na captação da imagem que dera lugar a todo um movimento estilístico que ficou conhecido como cinema novo, no campo da ficção, e cinema direto (cinema-verdade, cinema do vivido) no campo do documentário. Rouch participou diretamente dessas novidades. Por fim, quando no final dos anos 70 surgia a pequena câmera com tecnologia de fácil manejo, custo baixo e bitola de 8mm ("Super 8"), ele apostou na possibilidade de difundir largamente a prática do cinema entre os povos colonizados pelos europeus, como estratégia para fomentar alguma realização crítica e libertária através da difusão do cinema como prática acessível a custos mais baixos.

Esse foi, provavelmente, um dos principais intentos da estadia de Rouch no Brasil em 1979. Entre Bahia, Ceará e Paraíba (GOMES, 2010; LIRA, 2016, p. 77), Rouch acabou por firmar um acordo de cooperação em João Pessoa (que durou até 1986), o qual previa a mobilização de jovens paraibanos para a recém criada oficina francesa de cinema direto VARAN. Entre eles estava João de Lima Gomes, hoje professor no curso de cinema da UFPB, responsável por elaborar, quase trinta anos depois, um projeto de graduação em antropologia visual¹¹, juntamente com Annelina Trigueiro e alguns doutorandos de sociologia os quais haviam trabalhado com vídeo no âmbito de um projeto de extensão, realizado nas áreas indígenas paraibanas¹².

Anos 80 e 90

São muitos os indicativos desse período (SAMAIN, 2005, p.116-119). Um curso de especialização em "Recursos audiovisuais em etnologia", entre 1983-1984, na PUC-GO; a criação, em 1985, do curso Multidisciplinar de Mestrado em

¹¹ Era o primeiro projeto pedagógico, aprovado em 2006, para criação do curso de graduação da UFPB/Campus IV em "Antropologia e culturas indígenas" (hoje apenas "Antropologia"), com duas habilitações: antropologia social e antropologia visual. O diferencial consistia em 4 disciplinas específicas da habilitação: técnicas e estéticas do audiovisual I e II e antropologia visual I e II, além de um Laboratório de Antropologia Visual (inaugurado em 2011 com o nome de ARANDU).

¹² Trata-se do GT indígena de extensão, cujo acervo, com dezenas de fitas VHS, está sob a guarda do Laboratório ARANDU/UFPB.



Multimeios (UNICAMP-SP), com disciplinas específicas de Antropologia Visual¹³, o *I Seminário de Antropologia Visual* no âmbito do *II Festival Latino-americano de Cinema dos Povos Indígenas* no Rio de Janeiro, do que resultaria um número especial dos Cadernos de textos do Museu do Índio, publicado em 1987 (MONTE-MÓR *et al*, 1987). Tempo também do surgimento dos primeiros laboratórios e núcleos, associados à graduação e pós, em cursos de ciências sociais, a exemplo do NAVEDOC/IFCS/UFRJ (GALANO, 1998).

É provável que os anos 90 tenham sido decisivos na expansão da antropologia visual nas universidades brasileiras. Números de revistas, encontros, festivais e publicações específicas, surgimento de novos núcleos e laboratórios. Criação de um Grupo de Trabalho específico na ANPOCS¹⁴ e do Prêmio Pierre Verger na ABA, em 93 e 96 respectivamente. Na UNICAMP, Bela Bianco organizou um encontro em 1996, onde foram discutidos muitos dos trabalhos já anteriormente elaborados no âmbito do recém-criado Grupo de Trabalho da ANPOCS, depois transformado no livro *Desafios da Imagem*, organizado juntamente com Míriam Moreira Leite (FELDMAN-BIANCO e LEITE, 1998).

Outras diversas publicações tiveram importância capital ao longo desse período. Como, por exemplo, o livro *Cinema e Antropologia: horizontes e caminhos da antropologia visual* (MONTE-MÓR e PARENTE, 1994); um número especial da Revista da UFRGS, *Horizontes Antropológicos*(1995), exclusivamente dedicado à antropologia visual e o livro *Imagem em Foco: novas perspectivas em antropologia* (ECKERT e MONTE-MÓR, 1999).

Mas foi a publicação do periódico *Cadernos de Antropologia e Imagem*, a partir de 1995, pela UERJ, que representou um passo decisivo para o fortalecimento da área, seja por constituir um canal efetivo para os pesquisadores brasileiros, seja pelas traduções de artigos atuais ou dos textos já então clássicos, publicados principalmente em inglês e francês a partir dos anos 1970. Seu primeiro número, com uma entrevista de Rouch traduzida (ROUCH, 1995)¹⁵, foi organizado por Clarice Peixoto e Patrícia Monte-Mór. Essa última havia estado à frente, com José Inácio

¹³ Por muito tempo ministradas por Március Freire (cinema e vídeo) e Etienne Samain (Fotografia).

¹⁴ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais. O GT de imagem, criado em 1993, é hoje a Comissão de Imagem e Som da ANPOCS.

¹⁵ Concedida a Jean-Paul Colleyn e originalmente publicada em 1992 em *CinemAction* nº 64.



Parente, da *I Mostra Internacional do Filme Etnográfico* no Rio de Janeiro, em 1993¹⁶.

Grande parte daqueles que estiveram à frente dessas múltiplas atividades tinham (ou vieram a ter), pessoal ou indiretamente, alguma relação com a obra de Jean Rouch, em vários casos devido às experiências acadêmicas na França ou em universidades estrangeiras, as quais já haviam incorporado o cinema de Jean Rouch como uma referência no campo da antropologia. Para mencionar alguns deles, além das duas pesquisadoras já referidas acima, destacam-se Március Freire¹⁷, Marco Antonio Gonçalves, Carmen Rial, Cornélia Eckert e Sílvia Caiuby Novaes. Motivados pelas experiências de doutoramento e/ou pós doutoramento entre os anos 1980 e 1990, retornaram ao Brasil convencidos da necessidade de impulsionar o trabalho realizado com imagens.

Március Freire estudou em Nanterre com Claudine de France, foi tradutor do livro *Cinema e Antropologia* (1998), uma das poucas obras da área integralmente vertidas ao português no Brasil. Nesse livro diversos filmes de Rouch são analisados e servem decididamente ao balizamento reflexivo e metodológico que constitui a proposta de “antropologia fílmica” de France. Március Freire também traduziu e/ou organizou outros livros importantes. Destaco aqui dois deles: *Do filme etnográfico à antropologia fílmica* (FRANCE, 2000), com uma entrevista de Rouch. *Descrever o visível: cinema documentário e antropologia fílmica* (organizado com Philippe Lourdou) de 2009. O qual apresenta um conjunto de pesquisas que evidencia a vitalidade da antropologia fílmica, tal como foi experimentada nas mais diversas situações por diferentes pesquisadores: Ruben Caixeta de Queiroz, Nathalie Conq-Pfersch, José Francisco Serafim, Sílvia Paggi, Marilda Batista, Jean-François Moris, Roberta Matsumoto e Carlos Pérez Reyna.

Marco Antonio Gonçalves participou das primeiras oficinas de trabalho com imagens no IFCS/UFRJ a partir da criação do já mencionado NAVEDOC, núcleo vinculado ao Laboratório de Pesquisa Social (GONÇALVES e MAGGIE, 1995). Posteriormente trouxe à público o livro *O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch* (GONÇALVES, 2008). Responsável atualmente pelo

¹⁶ Os debates ocorridos nessa mostra foram reunidos para compor o livro já mencionado acima, *Cinema e Antropologia* (MONTE-MÓR e PARENTE, 1994).

¹⁷Március Freire, com formação em cinema e artes já na graduação, foi interlocutor dos debates no campo da antropologia visual e ensinou antropologia fílmica partir do Programa de Pós-Graduação em Mídias da UNICAMP, embora sua atuação esteja efetivamente vinculada à área de comunicação e aos estudos do cinema.



Laboratório de Experimentações em Etnografia e Imagem (www.nextimagem.com.br) no PPGSA/IFCS/UFRJ.

Carmen Rial realizou seus estudos de doutoramento na França e foi uma das responsáveis pela criação do Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem/NAVI na UFSC em 1998. Ai fez produzir uma série de filmes, entre eles o pequeno curta de 8 minutos *Lições de Rouch*, onde caminha com o cineasta entre um café e uma farmácia ao tempo em que mantém com ele magistral conversa sobre os métodos antropológicos no uso da câmera.

Cornélia Eckert realizou seu doutoramento na França também, responsável, juntamente com Ana Luiza Carvalho da Rocha, pela coordenação do Núcleo de Antropologia Visual/NAVISUAL e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV/UFRGS. Publicaram em 2007 um artigo no qual analisam a contribuição de Rouch à luz de sua trajetória social e intelectual, a meio caminho entre franceses e africanos (ROCHA e ECKERT, 2007). Para Cornélia Eckert¹⁸ “[...] o cinema de Rouch foi fundamental para tudo, para criar os núcleos, para nossa formação, para dar aula de antropologia. Sempre em nossos Programas temos uma ou mais aulas somente sobre a obra dele [...].”

Já Sylvania Caiuby Novaes fez seu pós-doutoramento na Universidade de Manchester, onde conheceu Paul Henley e o Centro Granada de Antropologia Visual. Foi fundadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP no início dos anos 1990, por onde Rouch seria convidado em 1996. Foi justamente na vinda de Rouch em 1996, como convidado para a 3ª Mostra Internacional do Rio, que muitos pesquisadores antropólogos tiveram a chance de travar contato direto com o cineasta. Patrícia Monte-Mór afirma que “a inesquecível presença do antropólogo-cineasta Jean Rouch, na 3ª Mostra, e a exibição de seus filmes nos propiciou lembrar, em companhia de importantes cineastas, histórias do cinema novo e do documentário brasileiro.[...]” (MONTE-MÓR, 1999).

Dessa Mostra no Rio de Janeiro, organizada por Patrícia Monte-Mór e José Inácio Parente, Rouch foi a São Paulo, onde foi recepcionado por Sylvania Caiuby e o grupo de alunos do recém-criado GRAVI¹⁹ que contava já com o LISA/USP (criado alguns anos antes). Uma retrospectiva de seus filmes foi exibida e dos diálogos aí

¹⁸ Extraídas de entrevista a mim concedida a partir do 40º Encontro Anual da ANPOCS em outubro de 2016.

¹⁹ Grupo de Antropologia Visual (Diretório CNPq), criado em 1995, junto ao Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA/USP). As informações a seguir foram obtidas a partir de uma entrevista que realizei com um dos autores do vídeo *Jean Rouch, Subvertendo Fronteiras*, Edgar Teodoro da Cunha, em outubro de 2016 durante o 40º Encontro Anual da ANPOCS.



surgidos, um projeto foi concebido e parte desses jovens que estavam em São Paulo, em 1996, puderam, depois, ir a Paris para encontrar Rouch e gravar com ele. O resultado aparece no filme *Jean Rouch, Subvertendo Fronteiras*, lançado em 2000, o qual representa um momento que marca definitivamente a importância de Jean Rouch para a AV praticada no Brasil.

Além de entrevistas com diversos cineastas e antropólogos (Geraldo Sarno, Kiko Goiffman, Laís Bodansky, Ana Niemayer, Dominique Gallois, entre outras), os quais falam da importância da obra de Rouch para seus trabalhos e da dificuldade em classificar seu cinema pelos parâmetros convencionais. O filme mostra cenas memoráveis de Rouch em tomadas internas e externas, desenvolvendo seu franco diálogo com os pesquisadores vindos de São Paulo. A proposta de uma “antropologia compartilhada”, elaborada por Rouch nos anos 1960-70, já havia, segundo conta Edgar Cunha, se tornado um “senso comum”. Como diz a antropóloga Dominique Gallois no próprio filme: os índios mesmos já não permitem mais que o filme e a câmera não sejam compartilhados com eles. Para Ana Lúcia Ferraz as noções de “etnoficção” e de “cine-transe” são igualmente “(...) fundamentais para a compreensão de seu cinema.” (FERRAZ, 2010, p. 94).

Século XXI

De 2001 em diante a antropologia visual no Brasil pareceu estar em rápida e progressiva consolidação, inclusive em diversas outras regiões do país. Seja pela quantidade de núcleos, grupos de pesquisa e laboratórios criados²⁰, dentre os quais destaque os da UFPE (LAV), da UFRN (NAVIS) e da UFAM (NAVI), seja pelo fortalecimento dos trabalhos desenvolvidos em comissões e grupos de trabalho específicos, como o Prêmio Pierre Verger da Associação Brasileira de Antropologia, que passou a premiar também, além de filmes etnográficos, ensaios fotográficos, a partir da Reunião ocorrida em Gramado em 2002, sob coordenação de Cornélia Eckert.

Dois circuitos de exibição merecem destaque, além daqueles que ocorrem no âmbito de encontros acadêmicos, como os da ABA²¹ e os da ANPOCS²² (além de

²⁰ Ver a quantidade de núcleos e grupos no blog da Comissão de AV da ABA. Disponível em: <<http://antropologiavisualaba.blogspot.com.br/p/nucleos-laboratorios-e-grupos-de.html>> Acesso em: 20/10/2016.

²¹ Atualmente o Prêmio Pierre Verger de vídeo e ensaio fotográfico segue itinerante por diferentes instituições Brasil afora, ao longo dos dois anos que separam uma reunião da outra.

²² Em 2016, pela primeira vez a ANPOCS, através de sua comissão de imagem e som, premiou vídeo e fotografia, o que pode demonstrar a consolidação do trabalho realizado na



tantos outros eventos que passaram a incluir e discutir imagens e seus usos na antropologia e nas ciências humanas). A *Mostra Amazônica do Filme Etnográfico*, organizada por Selda Vale da Costa com base no NAVI/UFAM a partir de 2006 e o *Festival do Filme Etnográfico do Recife*, organizado por Renato Athias a partir do LAV/UFPE a partir de 2009. Ocasões onde a obra de Rouch é frequentemente evocada nos debates como, também, nos próprios filmes apresentados, quando procuram experimentar o caráter participativo do cinema rouchiano.

Na Reunião Brasileira de Antropologia ocorrida em Goiânia, em 2006, foi realizada uma mostra significativa do cinema de Rouch, com a presença marcante de Marc PIAULT nos debates subsequentes às sessões (PIAULT, 2006). Foi provavelmente a primeira vez que muitos estudantes e docentes de antropologia tiveram acesso aos principais filmes de Rouch com legendas em português. Já na Reunião da ABA em 2010, em Belém, foi lançada a caixa com 6 DVDs e 1 CD-ROM onde foram reunidas as obras premiadas nos concursos Pierre Verger²³ de vídeo e fotografia entre 1996 e 2008. Muitos desses trabalhos certamente inspirados pelo tipo de cinema proposto por Jean Rouch.

Nesse período, também, foram criados novos cursos de graduação e de pós-graduação em antropologia, outros foram reformulados. Alguns incluíram a antropologia visual em suas grades curriculares. Em 2005 foi realizado o primeiro concurso (USP) que teve a antropologia visual por área de conhecimento específica requerida já na inscrição. Demanda surgida como resultado dos diversos trabalhos coordenados por Sylvania Caiuby junto ao Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, inclusa aí a passagem marcante de Jean Rouch quase dez anos antes²⁴.

Em 2008 foi realizado o segundo concurso específico para a área, desta vez na UFPB, para servir ao curso de graduação em antropologia visual²⁵ mencionado inicialmente, em cuja elaboração do projeto pedagógico, participaram ativamente professores que haviam frequentado os Ateliers Varan em Paris, no início dos anos

organização das mostras/debates ocorridas nos encontros de anos anteriores pela Comissão de Imagem e Som.

²³ Interessante notar que no filme realizado sobre Pierre Verger, com narração de Gilberto Gil, Jean Rouch é entrevistado e fala sobre seu conterrâneo radicado no Brasil. (*Pierre Fatumbi Verger, mensageiro entre dois mundos*, Luiz B. de Holanda, 1998).

²⁴ Rose Satiko Hikiji ocupou a vaga aberta pela USP, trabalha com Sylvania Caiuby Novaes e em muitas de suas publicações e filmes nota-se claramente a referência rouchiana como, por exemplo: (HIKIJ, 2009).

²⁵ Ocupei a vaga aberta para o Campus IV da UFPB e pude acompanhar desde 2009 a trajetória desse curso (que passou a funcionar desde 2007), tanto quanto resistir, na medida do possível, ao processo que chamo provisoriamente de "desmonte" de sua vocação inicial (Antropologia Visual), sobre o que espero refletir noutra ocasião.



1980, a partir de um acordo firmado por Rouch em 1979 em João Pessoa (conforme mencionado inicialmente). Outros dois concursos específicos foram realizados ainda: na UFF²⁶ (RJ) e na UERJ²⁷, demandas que não deixam de evocar as passagens de Rouch no Rio de Janeiro, principalmente a de 1996, para a 3ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico.

Em 2012 ocorreu o primeiro Grupo de Trabalho que se propôs a discutir o ensino de antropologia visual no âmbito das Reuniões Brasileiras de Antropologia. Essa experiência motivou a publicação do livro *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa* (FERRAZ e MENDONÇA, 2014) com contribuições não apenas daqueles que apresentaram suas pesquisas e reflexões no GT, mas também de outros convidados de várias partes do mundo onde a antropologia visual se fez institucionalizar através de cursos de diferentes níveis. Nesse trabalho, com 800 páginas, podemos perceber tanto a evocação da obra de Rouch em vários trabalhos como, também, outras tantas pistas para delinear o desenvolvimento histórico dessa área de conhecimento no Brasil e em outros países.

Outro marco importante da institucionalização da antropologia visual no Brasil foi a introdução do "Qualis Imagem" no âmbito da CAPES a partir de 2013. Trata-se de um tipo de roteiro para apreciação de produtos imagéticos concebidos como ensaios fotográficos ou como filmes etnográficos, no âmbito dos cursos e programas de pós-graduação em antropologia e ciências sociais²⁸. Se é plausível que tal roteiro pode tender a "engessar" o potencial criativo dos realizadores, não há dúvidas quanto ao fato de que ele ajuda a valorizar academicamente o trabalho daqueles que se envolvem na pesquisa com imagens.

Antropologia Visual sob o legado de Rouch

Mas seria a institucionalização da Antropologia Visual no Brasil um sintoma de uma apropriação incerta do legado "subversivo", "experimental" e "contestatório" do cinema rouchiano? Cabe perguntar como uma obra que teve por virtude justamente transcender os muros da academia francesa e adentrar o universo abrangente do cinema, com seus festivais e premiações (sob tensões que Rouch soube expressar de modos diversos), teria sido capaz de contribuir para o

²⁶ Vaga ocupada por Ana Lúcia Ferraz, outra autora do filme *Jean Rouch, Subvertendo Fronteiras* (2000).

²⁷ Vaga preenchida por Marcos Alexandre Albuquerque, que trabalha atualmente junto à Clarice Peixoto.

²⁸ Trabalho pautado em grande parte pelo pessoal ligado ao Comitê de Imagem e Som da ANPOCS.



fortalecimento de uma nova (sub)área acadêmica? Qual seria, pois, o potencial específico dessa (sub)área para transcender os circuitos restritos da intelectualidade através do exercício criativo da linguagem audiovisual? Ou permaneceria a Antropologia Visual à margem das correntes principais que organizam as atividades e produções acadêmicas no âmbito das ciências sociais? São questões abertas à reflexão e não caberá aprofundar esse debate no âmbito desse artigo, cujo objetivo foi apenas notar as trajetórias possíveis de serem exploradas nesse sentido.

De qualquer modo foi, de forma independente da antropologia, pelas mãos de um filósofo cinéfilo junto à uma associação cultural de Belo Horizonte (BALAFON), que o cinema de Rouch teve, pela primeira vez no Brasil, uma mostra retrospectiva verdadeiramente abrangente²⁹, com 76 de seus filmes, todos legendados em português³⁰. Foi a “Caravana Rouch”, marcada por colóquios internacionais e debates, a partir de 2009, com desdobramentos também em 2010, quando chegou à Paraíba, onde um ônibus carregado de estudantes de antropologia saídos do Campus IV (de Rio Tinto, interior do litoral norte) chegava todas as noites para presenciar o cinema rouchiano³¹.

Em que medida, enfim, podemos afirmar que o cinema de Rouch, com tudo que ele traz à tona, tem sido assimilado no âmbito de cursos e práticas de Antropologia Visual no Brasil? Por outro lado, diante da avalanche de novas tecnologias dos últimos anos, filmar, fotografar e exibir imagens em redes, parecem se tornar, cada vez mais, gestos compulsivos tanto quanto banais. Como, nesse contexto, redimensionar o alcance das imagens no sentido de revelar a riqueza, a complexidade e a diversidade das culturas humanas? Como o cinema de Rouch pode auxiliar a fortalecer uma visão antropológica dos nossos diferentes costumes, histórias e sociedades? No esforço apressado e até por isso necessariamente lacunar que presidiu a composição desse texto, ficam, ao menos, algumas questões postas e pistas traçadas na direção de uma apreciação mais abrangente do legado de Jean Rouch para a Antropologia Visual no Brasil.

²⁹ Mateus Araújo Silva, Andrea Paganini e Juliana Araújo estão na origem desse empreendimento, que resultou ainda no catálogo da Mostra *Jean Rouch: retrospectivas e colóquios no Brasil – 2009* (ARAÚJO SILVA, 2010).

³⁰ Alguns deles, no entanto, por seu caráter experimental, não trazem elementos narrativos verbais, o que torna desnecessário o uso de legendas.

³¹ A mesma parceria com a BALAFON propiciou, ainda, trazer à UFPB as Mostras Pierre Perrault (2012) e VARAN (2016), as quais fomentaram discussões e produções diversas, principalmente nos cursos de cinema tanto quanto de antropologia. Nessas duas ocasiões a memória da anterior “caravana Rouch” nunca deixou de servir como marco inicial daquilo que se podia esperar dessas mostras retrospectivas.



Referências

ARAÚJO SILVA, Mateus (org.) Jean Rouch: retrospectivas e colóquios no Brasil/2009. Belo Horizonte: Balafon, 2010.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O Brasil em imagens: caminhos que antecedem e marcam a antropologia visual no Brasil. In: MARTINS, C. B. e DUARTE, L. F. D. (Coords.) *Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: Discurso Editorial/ANPOCS, 2010, p.457-487.

COLLIER Jr., John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU-EdUSP, 1973.

ECKERT, Cornélia e GODOLPHIN, Nuno. (orgs.) *Horizontes Antropológicos: Antropologia Visual*, Porto Alegre, UFRGS, nº 2, 1995.

ECKERT, Cornélia e MONTE-MÓR, Patrícia (orgs.) *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira. (orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.

FERRAZ A experiência da duração no cinema de Jean Rouch. *Doc On-line*, n.08, Agosto 2010, www.doc.ubi.pt, p.190-211.

FERRAZ, Ana L. C. e MENDONÇA, João M. 2014. (orgs.). *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília: ebooks ABA.

FRANCE, Claudine de. *Cinema e Antropologia*. Campinas: Unicamp, 1998.

FRANCE, Claudine (org.) *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas: Unicamp, 2000.

FREIRE, Március e LOURDOU, Philippe (orgs.) *Descrerver o visível: cinema documentário e antropologia fílmica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GALANO, Ana Maria. Iniciação à pesquisa com imagens. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira. (orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 1998, p.173-193.

GOMES, João de Lima. Rouch volta à Paraíba. *A União: Especial Jean Rouch*, João Pessoa, 11abr2010.

GONÇALVES, Marco Antonio. *O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

GONÇALVES, Marco Antonio e MAGGIE, Yvonne. A experiência do LPS. In: PESSANHA, E. G. da F. e VILLAS BOAS, G. (orgs.) *Ciências sociais, ensino e pesquisa na graduação*. Rio de Janeiro: Jornada Cultural, 1995.

HIKIJ, Rose S. G. Vídeo, música e antropologia compartilhada: uma experiência intersubjetiva. In: BARBOSA, A.; CUNHA, E. T.; HIKIJ, R. S. (orgs.). *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

HOCKINGS, P. (ed.) *Principles of visual anthropology*. The Hague: Mouton, 1975.

JORDAN, Pierre. Primeiros contatos, primeiros olhares. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro: UERJ, nº 1, 1995, p.11-22.

LANNA, Marcos. Marcel Mauss (1872-1950). In: ROCHA, E. e FRID M. (orgs.) *Os antropólogos: de Edward Tylor a Pierre Clastres*. Rio de Janeiro/Petrópolis: PUC/Vozes, 2015, p.61-78.



LIRA, Bertrand. Cinema direto na Paraíba: breve relato de uma experiência. In: ARAÚJO, Juliana e MARIE, Michel (orgs.) *Varan: um mundo visível*. Belo Horizonte: Balafon, 2016, p.75-81.

MENDONÇA, João Martinho de. Vozes e silêncios: apontamentos sobre reflexividade em filmes etnográficos. *Revista Gesto, Imagem, Som*, São Paulo, v. 1, nº 1, 2016. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/gis/article/view/116356>>. Acesso em: 20/10/2016.

MONTE-MÓR, Patrícia. Descrevendo culturas: etnografia e cinema no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro: UERJ, nº 1, 1995, p. 65-74.

_____. O Brasil no circuito do cinema etnográfico. *Revista Sexta-feira*, São Paulo, nº 2, 1999.

Disponível em:

<http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/o_brasil.pdf>.

Acesso em 20/10/2016.

MONTE-MÓR, Patrícia e PARENTE, José Inácio (orgs.) *Cinema e antropologia: horizontes e caminhos da antropologia visual*. Rio de Janeiro: Interior Produções, 1994.

MONTE-MÓR, Patrícia *et al.* *Caderno de textos: Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1987.

PEIXOTO, Clarice. A antropologia visual no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro: UERJ, nº 1, 1995, p. 75-80.

PIAULT, Marc Henri. "Conferências de Marc Henri Piauxt" in GROSSI, M.; ECKERT, C.; FRY, P. (orgs.) *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA, 2006, p. 203-217.

ROCHA, A. L. C. e ECKERT, C. Jean Rouch, encontros e confrontos da sociedade ocidental com a Alteridade/Diferença pelos olhos de um contador de histórias. In: ZANINI, M. C. (org.) *Por que "raça"?: breves reflexões sobre a questão racial, no cinema e na antropologia*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007, p.41-85.

ROUCH, Jean. The câmera and man. In: HOCKINGS, P. (ed.) *Principles of visual anthropology*. The Hague: Mouton, 1975, p. 83-102.

_____. Entrevista: Jean Rouch, 54 anos sem tripé. *Cadernos de Antropologia e Imagem* nº 1, Rio de Janeiro: UERJ, 1995, p.65-74.

_____. O comentário improvisado 'na imagem': entrevista com Jean Rouch. In: FRANCE, C. (org.) *Do filme etnográfico à antropologia fílmica*. Campinas: Unicamp, 2000, p.125-129.

SAMAIN, Etienne. Antropologia Visual e fotografia no Brasil: vinte anos e muitos mais. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, 21(2), 2005, p. 115-132.

Filmes

Jean Rouch, subvertendo fronteiras, Ana Lúcia Ferraz, Edgar Cunha, Paula Morgado e Renato Sztutman, 2000, 41 min.

Lições de Rouch, Carmen Rial, 2006, 8 min.

Pierre Fatumbi Verger, mensageiro entre dois mundos, Luiz Buarque de Holanda, 1998, 80 min.

TourouetBitti, les tambours d'avant, Jean Rouch, 1971, 9 min.